

DAS FORTIFICAÇÕES PORTUGUESAS EM MASCATE: ANÁLISE MORFOLÓGICA E TERRITORIAL

ANA CATARINA GONÇALVES LOPES*

JORGE MANUEL SIMÃO ALVES CORREIA**

Resumo: A presença portuguesa no Médio Oriente desenrolou-se entre os inícios do século XVI e meados do XVII, tendo na esfera da arquitetura militar a pegada patrimonial mais relevante, hoje no atual Irão, Emirados Árabes Unidos, Omã, e ainda Barém.

De todas estas fortalezas, Mascate (1507-1650) destaca-se como um dos conjuntos de maior escala e relevância devido às suas excelentes condições portuárias. Foi criado um plano defensivo baseado num esquema interdependente de estruturas arquitectónicas, com destaque para as fortalezas de São João (Al Jalali) e Almirante (Al-Mirani). Cruzando leituras cartográficas, com levantamentos locais e análise morfológica, este artigo visa compreender a complementaridade territorial que as diversas estruturas militares articulavam neste ponto da costa omanita.

Palavras-chave: Península Arábica; Mascate; Arquitetura militar; Fortaleza.

Abstract: Portuguese presence in the Middle East was carried out between the beginning of the 16th and the mid-17th centuries. Its heritage trace can be mostly tracked by military architectural evidences, spread over current Iran, UAE, Oman and Bahrain.

Muscat (1507-1650) was the biggest structure among all Portuguese fortresses due to its exceptional harbour conditions. A defensive plan was developed based on São João (Al Jalali) and Almirante (Al-Mirani) forts, connected within an interdependent scheme. Crossing cartography with local surveys and morphological analysis, this paper wishes to interpret all the different military structures in relation to the territorial characteristics of this point of the Omani coast.

Keywords: Arabian Pensinsula; Muscat; Military architecture; Fortress.

* EAUM/ LAB2PT/ CHAM. analopes@arquitectura.uminho.pt.

** EAUM/ LAB2PT/ CHAM. jorge.correia@arquitectura.uminho.pt.

INTRODUÇÃO

Tendo as fortificações portuguesas de Mascate (a atual capital de Omã) como foco deste estudo, o desenvolvimento do artigo parte de conhecimento adquirido num projeto de doutoramento dedicado à compreensão das suas estruturas militares enquanto conjunto fortificado de maior escala na região. Mascate, construída pelos portugueses no panorama das fortalezas do Estado da Índia, possuía um sistema defensivo complexo, envolvendo diversas estruturas que sofreram várias fases de destruição e consequentes campanhas de modernização e reforço. A presença portuguesa nesta cidade iniciou-se em 1507 com a fundação de uma feitoria¹, essencial no controlo geoestratégico e comercial da região. O domínio português estendeu-se até 1650², sendo de realçar o tempo da União Dinástica (1580-1640). Trata-se de um património que tem sido negligenciado pela historiografia da arquitetura portuguesa, mesmo se central para o entendimento da permanência europeia no Médio Oriente.

As estruturas defensivas sobreviventes incluem duas fortalezas – São João e Almirante (hoje chamadas de Al-Jalali e Al-Mirani, respectivamente), além de duas estruturas avançadas – uma torre, atualmente designada por Al Sirah al-Sharqiyah, e Al Sirah al-Gharbiyah, o antigo Baluarte de Santo António. Rodeando a cidade, os portugueses construíram uma muralha pontuada por com baluartes, cujo traçado ainda se pode ler. É também de referir a torre quadrangular que protegia a



Fig. 1.
Planta esquemática:
estruturas
arquitectónicas que
se podem observar
nos dias de hoje.

¹ DIAS, 1998: 391.

² COSTA & RODRIGUES & OLIVEIRA, 2014: 194; FLOOR, 2015: 27.

zona da Horta do Cabaço e várias torres circulares que se distribuem nos picos das serras envolventes³ (Fig. 1).

O estudo destas construções cruza fontes escritas, iconográficas e cartográficas disponíveis, assim como os resultados de um intenso trabalho de campo já realizado, com um levantamento fotográfico exaustivo, o registo de algumas medidas e pormenores desenhados. Contribuirá, certamente, para o entendimento de uma peça chave da arquitetura militar portuguesa de Quinhentos e Seiscentos através do seu desenho na Ásia, em diálogo com a metrópole e a geografia da expansão europeia.

MASCATE, A CIDADE CONQUISTADA NA EXPANSÃO PORTUGUESA

A viagem de Vasco da Gama, iniciada a 8 de Julho de 1497⁴, abriu um novo capítulo na história da Expansão Marítima Portuguesa. Assim se iniciou um período de domínio comercial da coroa portuguesa no Índico, que se fez através da conquista e da implantação de praças-fortes ou feitorias que controlavam os principais canais de comunicação e circulação mercantil.

A pretensão global dos portugueses era a de controlar a Rota do Golfo Pérsico e a Rota do Mar Vermelho, que ligavam a Ásia ao Mediterrâneo e à Europa⁵. Ormuz e Adém assumiam os pontos geográficos mais importantes para o controlo dessas duas rotas, respectivamente. Adém nunca foi subjugada pelos portugueses e Ormuz era, à época, um dos principais reinos no Médio Oriente, aquele que originava maior valor económico. Controlar esta ilha significava assegurar o acesso a uma boa parte do comércio asiático. Afonso de Albuquerque iniciou por aí estabelecer um protetorado no início do século XVI, e desde logo iniciou a construção de uma fortificação⁶. Desta forma, os portugueses passaram a tributar e a cobrar impostos a todo o comércio sujeito ao reino de Ormuz, que incluía toda a costa de Omã onde Mascate era, já desde o século XIV, um dos seus portos mais importantes⁷. Assim se iniciou a distribuição de uma rede de estruturas defensivas e administrativas que protegiam os interesses portugueses nas ligações comerciais centralizadas em Ormuz, e que deu origem a um legado patrimonial edificado nesta região que se dispersa, atualmente, pelo Irão, Emirados Árabes Unidos, Omã e Barém. Na campanha militar de 1507, Albuquerque garantiu a presença portuguesa em Calaiate,

³ BARATA & FERNANDES, 2010: 156-159.

⁴ RODRIGUES, 1994: 81.

⁵ LOUREIRO, 2007: 66.

⁶ BARATA & TEIXEIRA, 2004, vol. 1: 203, 369.

⁷ ALLAWATI, 1990: 20.

Curiate, Mascate, Soar e Corfação⁸. Em 1515, e depois de subjugar novamente Ormuz, depois de alguns desaires com as autoridades locais, conseguiu adicionar Libédia e Caçapo ao domínio português⁹.

Por esta altura, e segundo as palavras de Brás de Albuquerque¹⁰, Mascate era descrita como:

(...) cidade grande, muito bem povoada, cercada da banda do sertão de serras mui altas e da banda do mar bate a água nela. (...) Tem muitos poços de água doce donde bebiam os moradores; tinham pomares, hortas, palmeiras, com poços para regar (...). O porto é pequeno, de feição de uma ferradura, abrigado de todos os ventos. É escápula antiga de carregamento de cavalos e de tâmaras; é um lugar muito gracioso e de casas muito boas; vem-lhe do sertão muito trigo, milho, cevada e tâmaras para carregarem quantas naus quiserem¹¹.

De facto, as condições naturais de Mascate eram bastante favoráveis e atraíram de imediato a atenção dos portugueses. A cidade fica numa área abrigada, rodeada de picos montanhosos. O porto de mar, além de bem protegido de ventos, possuía características que lhe permitiam a ancoragem de embarcações de grande porte. Além disso, as fontes de água fresca e a produção de alimentos eram cruciais para a importância de Mascate na economia marítima daquela região do Mar Árabe¹².

Quando Afonso de Albuquerque fez a sua ofensiva sobre Mascate, esta era uma cidade onde não havia propriamente fortificações merecedoras desse nome. Existiria um muro de madeira e terra entulhada, rodeando a praia. As fontes árabes mencionam ainda a existência de uma torre fortificada, no lado Nascente da baía¹³. Depois da perseguição e pilhagem que Albuquerque e os seus homens fizeram à população local, elaborou-se um acordo de paz com o Sheikh e foi possível estabelecer um pequeno núcleo português e uma feitoria¹⁴.

⁸ RODRIGUES, 1994: 86.

⁹ Algumas dessas fortificações eram bem pequenas. Outras, assumiam uma escala maior e incluíam outras dependências como cadeias, igrejas, hospitais, fontes, cais e alfândegas (DIAS, 1998: 14).

¹⁰ Filho de Afonso de Albuquerque, nascido por volta de 1500, publica os *Commentarios de Afonso Dalboquerque capitão geral e governador da Índia* (Lisboa, 1557), com o objetivo de historiografar os feitos orientais do seu pai (consultar LOUREIRO, Rui Manuel (2015) – *Algumas notas sobre Brás de Albuquerque e os Commentarios de Afonso Dalboquerque* (Lisboa, 1557). Texto que resulta de uma palestra do colóquio sobre «Afonso de Albuquerque – 500 Anos: Memória e Materialidade», Biblioteca Nacional de Portugal, Dezembro de 2015).

¹¹ ALBUQUERQUE, 1973, vol.1: 112.

¹² COUTO, 2011: 129-153; VINE, 1995: 17.

¹³ VINE, 1995: 283-284.

¹⁴ COUTO, 2011: 137.

DESENVOLVIMENTO DAS FORTIFICAÇÕES

Nos anos seguintes, decorreram uma série de confrontos. Os de maior impacto foram as incursões das forças otomanas em 1546, 1551 e em 1581¹⁵. É depois disto que os portugueses decidem melhorar significativamente as suas estruturas defensivas, edificando os Fortes do Almirante e de São João (Fig. 2). Ambos foram mandados construir por ordem do Vice-rei D. Duarte de Meneses (v.r.1584-1588), mas apenas terão sido terminados pelo seu sucessor, D. Manuel de Sousa Coutinho, que assumiu o cargo de governador em Maio de 1588¹⁶.

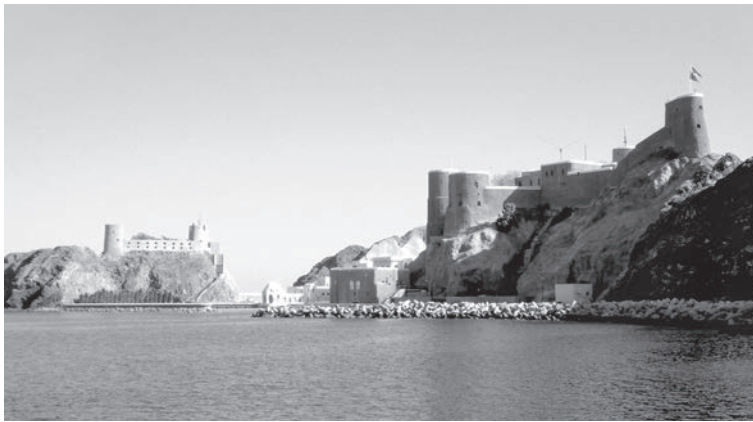


Fig. 2.
Fortes de São João (Al-Jalali), à esquerda, e do Almirante (Al-Mirani), à direita.

O Forte do Almirante, que foi buscar o nome ao facto de incluir a casa do almirante (ou capitão), é um conjunto irregular, certamente ditado pela topografia bastante acidentada. As suas formas adaptam-se ao relevo existente, coroando-o e impondo-se coercivamente na paisagem. As descrições contam como havia uma sucessão de “postos de guarda” e revelins, equipados com canhões, que se situavam em diferentes níveis, interligados por escadarias¹⁷. Tratava-se de um conjunto de plataformas, que se ia orientado com o perfil da montanha, conseguindo distribuir-se para todos os lados e obtendo posições privilegiadas para observar o porto e a envolvente.

Terá sido executado por Belchior Calaça, porém seguindo os planos do engenheiro militar italiano Giovanni Battista Cairati¹⁸, conforme indicado na lápide

¹⁵ Consultar COUTO, 2011: 142-145.

¹⁶ BARATA & FERNANDES, 2010: 157-158.

¹⁷ COUTO, 2011: 147-149.

¹⁸ Cairati foi para a Índia a mando de D. Filipe I e, desde 1584, consolidou as fortificações de Ormuz, Bahrein, Mascate e Malaca (LOUREIRO, 2007: 68).

ainda hoje existente¹⁹. A estrutura defensiva incluía, ainda, um pátio com uma cisterna e uma capela, ainda sobrevivente. Conta com uma geometria circular de pequena escala, dotada de uma cúpula e de um portal em calcário, composto por elementos que lembram um gosto manuelino.

Comparativamente, o Forte de S. João era considerado, pelos testemunhos coevos, como uma estrutura menos sofisticada²⁰. Todavia, ainda hoje se trata, de facto, de uma massa arquitectónica robusta, mas igualmente orgânica, impondo-se sobre o relevo. Possui várias formas curvilíneas, incluindo panos de muralha que se unem formando uma esplanada central, onde estariam as casas da guarnição e outras dependências. As estruturas são parcialmente escavadas na rocha e, organizam-se em diversos níveis.

Um dos seus elementos mais impressionantes é a face voltada à baía onde estão 8 pares de janelões, anunciando uma poderosa capacidade de tiro (Fig.2). De facto, a menção a canhões e bombardas, tal como de estruturas preparadas para receber essas armas é, aqui, constante²¹.

INTEGRAÇÃO DAS ARMAS DE FOGO NAS ESTRUTURAS DEFENSIVAS

Vivia-se um período de grandes mudanças para a arquitetura militar, com a assunção total da artilharia de fogo que vinha acelerando processos evolutivos na arte da guerra e nos modos de construir. Em termos tipológicos, Mascate não revela as formas perfeitas *ao moderno*, descritas e representadas na tratadística que circulava pela Europa, onde se propunham reformas profundas nos sistemas fortificados na óptica da utilização das novas armas para baluartes em cunha. No entanto, o seu desenho destacou baluartes circulares dos muros defensivos e impôs múltiplas aberturas para o uso de artilharia em cada uma das suas estruturas. Por tudo isto, torna-se interessante fazer uma avaliação do seu grau de inexpugnabilidade à luz da capacidade pirobalística do seu tempo. Com o levantamento efetuado de todas as aberturas para bocas-de-tiro, analisando os seus ângulos de disparo e cruzando

¹⁹ Pode ler-se: «Reinado ho mui alto he poderoso Filippe primeiro deste nome Rey he Senhor Nosso no houtavo ano de seu reinado na croa de Portugal mandou por Don Duarte de Menezes seu Vizo-Rei da Índia que se fizesse esta fortaleza a qual fez Belchior Calaça sei primeiro capitão e fundador – 1588».

²⁰ Consultar COUTO, 2011: 147-149.

²¹ Desde o séc. XV, a atividade bélica moldava-se ao aparecimento da artilharia de fogo. A arquitetura era uma das disciplinas mais abordadas para a experimentação, dando origem àquilo que se designa como período de *transição*. Não havendo espaço, neste artigo, para dissecar as alterações a que a arquitetura foi sendo sujeita, não podemos deixar de referir que, à época da construção dos Fortes de Mascate, os portugueses já tinham erguido fortificações *ao moderno*, com baluartes em cunha e estruturas que correspondiam às mais recentes novidades da tratadística europeia (BARATA & TEIXEIRA, 2004, vol. 1: 359-370).

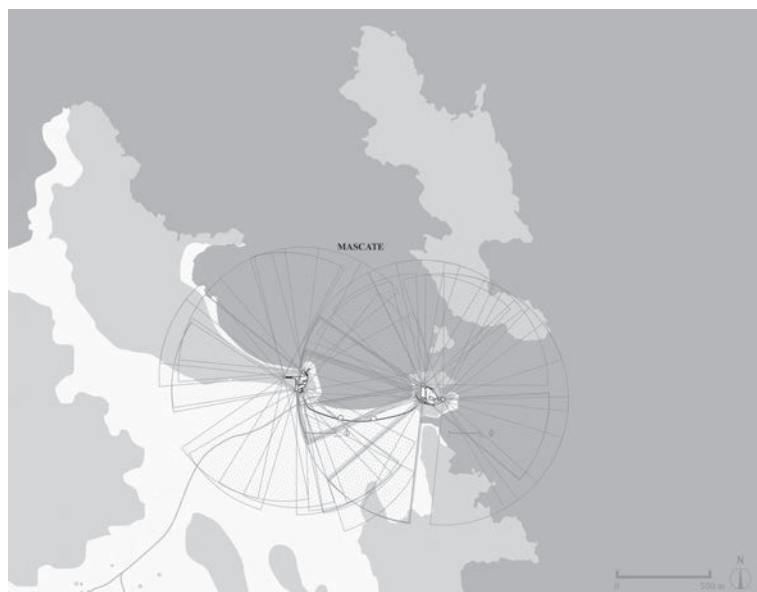


Fig. 3.
Planta esquemática:
estudo – alcance de
tiro para armas de
maior capacidade
(400m), final do
século XVI.

tal com a variedade de armas usadas à época, podemos calcular o alcance de fogo destas estruturas²².

Considerando primeiramente a possibilidade de apenas existirem como disponíveis nestas fortificações armas de fogo de menor capacidade, que então circulavam pelo Índico, com um alcance útil de cerca de 200m, a mancha alcançada é ampla. Entre um e outro forte, o tiro podia já cobrir toda a baía. Mas o alcance pode considerar-se ter sido ainda maior se a artilharia aqui presente fosse a mais evoluída da época, que podia abranger um raio de cerca de 400m (Fig. 3). Por conseguinte, uma grande zona envolvente ficava protegida com tiro que, tanto de um como de outro forte, conseguia cruzar a baía e chegar até ao edificado do lado oposto.

Os 143 anos de presença portuguesa em Mascate haviam ainda de contar com novas evoluções nas estruturas militares. Em 1622, uma aliança entre ingleses e persas fez com que Ormuz deixasse de ser portuguesa²³. Rui Freire de Andrade, um importante capitão português, reagiu e conseguiu alargar a rede de posições dominadas²⁴.

²² Para referências relativas ao alcance das armas de fogo, consultar: BARATA & TEIXEIRA, 2004, vol. 1: 180-183; 354-359; vol.2: 198-214.

²³ Quando Filipe II se aclamou-se rei de Portugal (1581), Portugal e o império viram-se sujeitos à sua geoestratégia. Os seus inimigos, como os Países Baixos e a Inglaterra (de quem Portugal era aliado, até ali), tornaram-se hostis em relação ao domínio da coroa ibérica no Índico, estabelecendo diferentes alianças com os locais que iam dificultando a vida dos portugueses na Ásia (COSTA & RODRIGUES & OLIVEIRA, 2014: 172, 177).

²⁴ Sibó, Borca, Quelba, Madá, Doba, Limah (AL-BUSAIDI, 2000: 63-98; FLOOR, 2015:13).

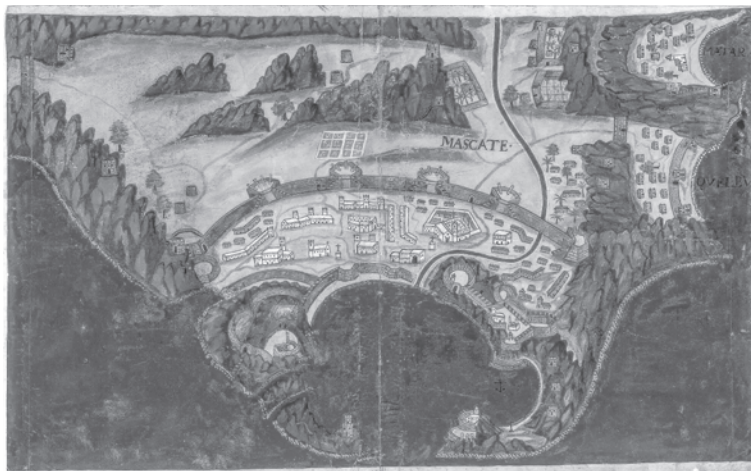


Fig. 4.
Mascate (BOCARRO
& RESENDE, c.1635:
fol. 46v-47r).

Enquanto se continuava a tentar recuperar Ormuz, e uma vez que já se tinha perdido o Barém em 1602²⁵, Mascate torna-se a maior praça portuguesa em toda a região, afirmando-se como a principal base militar e comercial. É nessa lógica de consolidação da importância de Mascate que se gera um panorama de novas construções seiscentistas²⁶ (Fig. 4).

Em 1610, são ampliadas estruturas do Forte do Almirante para junto da água²⁷, reforçando a defesa do porto com uma plataforma, equipada com artilharia capaz de atirar rasante à água. Em 1623, ergue-se a muralha que rodeia a cidade, com cinco baluartes semicirculares do lado exterior e um pentagonal, na charneira do traçado, separando a cidade do sertão²⁸. Em complemento, note-se a construção de torres (atalaias) nos pontos altos da zona envolvente, que ajudavam a vigiar possíveis aproximações provenientes do interior do território. Com o intuito de proteger o contínuo abastecimento de alimentos e água potável a Mascate, Rui Freire de Andrade manda fazer uma torre de proteção à Horta do Cabaço, em 1627²⁹ – um quadrilátero com entrada ao nível do primeiro piso, de que agora só resta o nível inferior.

²⁵ LOUREIRO, 2007: 77.

²⁶ Ainda nos anos 90 do século XVI, ordena-se a construção da Igreja e Convento de N. Sra. da Graça. A torre no extremo nordeste do porto, Al-Sharqyah, mencionada num relatório enviado a D. Filipe I, será também dessa altura (BARATA & FERNANDES, 2010: 156-159).

²⁷ *Idem.*

²⁸ O desenho do séc. XVII (BOCARRO & RESENDE, c.1635: fol. 46v-47r) mostra 6 baluartes ao longo da muralha em forma curva. Na realidade, são dois troços de muralha com a designada Torre Cabrita na charneira – único baluarte pentagonal. As outras torres são redondas do lado exterior e poligonais pelo interior.

²⁹ BARATA & FERNANDES, 2010: 159. Localmente, designado como Forte de Al-Rawiyah.



Fig. 5.
Planta esquemática:
estudo – alcance de
tiro para armas de
maior capacidade
(600m), século XVII.

Em 1633, numa campanha de melhoramentos nas fortificações de Mascate, ergue-se o Baluarte de Santo António, construído sob instruções do engenheiro Manuel Homem de Pina³⁰. Tratava-se de uma estrutura que permitia o tiro através de duas plataformas, principalmente a voltada a Norte.

Rui Freire de Andrade deu, também, ordens para que se fortificasse a vila pesqueira mais próxima. A determinação da construção do forte em Mutrah (a Matara portuguesa, a cerca de meia légua de distância de Mascate) data dos anos 20 do século XVII e o objectivo era integrar o complexo defensivo das fortificações de Mascate, protegendo a passagem até ao principal entreposto comercial³¹ (Fig. 1). Mais uma vez, o forte implantou-se numa elevação rochosa e bastante escarpada, formado por dois torreões cilíndricos ligados por dois panos de muralha que se apoiam na serra e integravam dispositivos que permitiam tiro através de seteiras. Já as estruturas das extremidades incluíam aberturas para armas de fogo.

No seu conjunto, e pensando na articulação da capacidade defensiva de todas estas estruturas na sua máxima expressão, o estudo de alcance de tiro para as armas de menor capacidade que ali estariam a circular, já no século XVII (400m de alcance útil)³² mostra que o desenvolvimento da área abrangida é muito superior à do século anterior. O impacto é ainda maior quando considerados os alcances possíveis com artilharia mais desenvolvida (Fig. 5).

³⁰ Foi o Conde de Linhares (v.r.1629-1635) que ordenou a sua construção (BARATA & FERNANDES, 2010: 156-159).

³¹ FLOOR, 2015: 15; DIAS, 1998: 394.

³² Consultar Nota 20.

SÍNTESE FINAL

Desde que devidamente provido (o que parece nem sempre ter acontecido, tanto pelo número de armas como pelo número de homens disponíveis), este conjunto fortificado poderia garantir muito eficazmente a sua defesa. Ainda que com formas um pouco atávicas para a época, apesar do conhecimento na arte de fortificar que, já então, se dominava, Mascate revela-se capaz de integrar a artilharia e de estruturar a sua defesa de modo muito eficiente. As inflexões são pontuadas por baluartes ou torreões salientes, flanqueando-se mutuamente, além de varrerem pelo tiro as áreas envolventes. Os recessos e saliências do terreno criavam obstáculos naturais a qualquer tentativa de aproximação inimiga, mas também exigiram um enorme esforço de construção. Os vazios entre os cumes foram aproveitados, tal como também souberam apropriar-se da altura atingida pela topografia, para a implantação dos diferentes dispositivos.

Este estudo perspectiva a continuidade do seu aprofundamento através de uma análise métrica e geométrica de forma a obter um quadro completo do comportamento histórico do complexo fortificado de Mascate, o maior da região.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Brás de (1973) – *Os comentários de Afonso de Albuquerque*. Joaquim Veríssimo Serrão (prefácio e edição). 5ª ed., Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, vol. 1.
- AL-BUSAIDI, Ibrahim Yahya Zahran (2000) – *Os Portugueses na Costa de Oman na Primeira Metade do Século XVII*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade Nova de Lisboa. Tese de Mestrado (não publicada).
- ALLAWATI, Malallah bin Ali bin Habib (1984) – *Outline of the History of Oman*. Sultanate of Oman: Mazoon Printing Press, 1990.
- BARATA, Filipe Themudo; FERNANDES, José Manuel, coord. (2010) – *África, Mar Vermelho e Golfo Pérsico. Património de Origem Portuguesa no Mundo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- BARATA, Manuel Themudo; TEIXEIRA, Nuno Severiano, dir. (2004) – *Nova História Militar de Portugal*. Rio de Mouro: círculo de Leitores, vols. 1 e 2.
- BOCARRO, António; RESENDE, Pedro Barreto (c.1635) – *Livro das Plantas de todas as Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental*. Biblioteca Pública de Évora, Códice CXV / 2-1.
- COSTA, João Paulo Oliveira e (coord); RODRIGUES, José Damião; OLIVEIRA, Pedro Aires (2014) – *História da Expansão e do Império Português*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- COUTO, Dejanirah (2011) – *New insights into the History of Oman in the Sixteenth Century: A Contribution to the Study of the Evolution of Muscat Fortifications*. In LOUREIRO, Rui Manuel; BIEDERMANN, Zoltán; MCAVOY, Eva Nieto (coord.) – *Anotações e Estudos sobre Don Garcia*

- de Silva y Figueroa e os “Comentários” da Embaixada à Pérsia (1614-1624)*. Linda-a-Velha: CHAM, p.129-153.
- DIAS, Pedro (1998) – *O espaço do Indico. História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822)*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- FLOOR, Willem (2015) – *Muscat: City, Society & Trade. The Persian Gulf*. Washington DC: Mage Publishers.
- LOUREIRO, Rui Manuel (2007) – *Para os olhos do Rei: iconografia de fortalezas portuguesas na região do Golfo Pérsico por volta de 1600 / For the eyes of the King: iconography of Portuguese fortresses in the Persian Gulf area around 1600*. “Revista Oriente”, n.18. Lisboa: Fundação Oriente, p.66-80.
- RODRIGUES, António Simões, coord. (1994) – *História de Portugal em datas*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- VINE, Peter (1995) – *Oman in History*. London: Ministry of Information, Sultanate of Oman & Immel Publishing.

